

Chronica de El-Rey D. Affonso II

Rui de Pina

The background of the lower half of the image is a solid cyan color. Overlaid on this is a complex, abstract pattern of magenta lines and shapes. The pattern includes various geometric elements: horizontal and vertical lines of different lengths, right-angled corners, triangles (both pointing up and down), and curved lines that form partial circles or arcs. These elements are scattered across the cyan field, creating a modern, geometric aesthetic.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Chronica de El-Rey D. Affonso II

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Chronica de El-Rey D. Affonso II

Author: Rui de Pina

Release date: October 2, 2007 [eBook #22826]

Language: Portuguese

Original publication: Lisboa: Escritorio 147--Rua dos Retrozeiros--147, 1906

Credits: Produced by Manuela Alves and Rita Farinha (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal))

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CHRONICA DE EL-REY D. AFFONSO II ***

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

**Proprietário e fundador--Mello
d'Azevedo**

(VOLUME LIII)

**CHRONICA DE EL-REI D.
AFFONSO II**

POR

RUY DE PINA

ESCRITORIO

147--Rua dos Retrozeiros--147

LISBOA 1906

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. AFFONSO II.

TERCEIRO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Môr do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,
Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

À MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREI

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPES FERREYRA

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVII.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR

Ponho na Real presença de V. Magestade a Chronica do Senhor Rei D. Affonso II que ainda que breve no volume, é larga na qualidade dos successos. Nella verá V. Magestade que os seus gloriosos Predecessores não cessaram em tempo algum do augmento dos seus Estados, e da Religião Christã pois a este fim vestiam as armas, e tomavam a lança com perigo das suas Reaes vidas, como o experimentou este mesmo principe, vendo-se quasi

suffocado na campanha. Aceite V. Magestade este tributo do meu obsequio, que prostrado a seus Reaes pés lhe deseja todas aquellas felicidades, que só podem vir da mão de Deos que guarde a Real Pessoa de V. Magestade por muitos annos, como seus vassallos lhe dezejamos.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR FERNÃO TELLES DA SILVA

*Marquez de Alegrete dos Concelhos de Estado, e Guerra del-Rei
Nosso Senhor, Gentil homem de sua Camara, Védor de sua
fazenda, seu Embaixador extraordinario na Corte de Vienna, ao
Serenissimo Emperador José, Condutor da Serenissima Rainha
Nossa Senhora a estes Reinos, Academico, e Censor da
Academia Real da Historia Portuguesa, &c.*

Terceira vez busco a V. Excellencia como protector, e amparo
commum dos que servem a Patria. A benignidade natural de V.
Excellencia tem a culpa desta repetição. Offereço a V. Excellencia
esta Chronica del-Rei D. Affonso II chamado vulgarmente o *Gordo*,
para que V. Excellencia se digne de a pôr na Real presença de Sua
Magestade. Espero que lembrado V. Excellencia de já me haver
feito duas vezes este mesmo beneficio, mo queira continuar agora,
porque é certo que suprirá a grandeza da Pessoa de V. Excellencia
o que eu não mereço. A Excellentissima Pessoa de V. Excellencia
guarde Deos muitos annos.

Criado de V. Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

PROLOGO AO LEITOR

Não te admires vendo uma Chronica tão pequena de um Rei tão grande. Em oito capitulos a deo por acabada o seu Chronista, ou o reformador da sua Chronica antiga. Mas aqui é que se ha de estimar o livro pelo pezo, e não pelo volume. Verás nesta Chronica o que podem as paixões: verás o zelo da Religião obrigando a um Principe a entrar na campanha quando a sua demasiada corpulencia que lhe deo o nome *de Gordo*, justamente o desobrigava de tão violento exercicio; mas o augmento da Fé o fazia esquecer dos impedimentos da natureza. Verás como no seu tempo vieram miraculosamente para a Cidade de Coimbra as Reliquias dos cinco Religiosos de São Francisco, que pela Fé deram o sangue em Marrocos, e verás como o mesmo Rei pessoalmente os foi receber. Lê, e não te mostres ingrato ao meu cuidado que não cessa de procurar modos de satisfazer á tua curiosidade, como brevemente o verás.

Vale.

LICENÇAS DO SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza

EMINENTISSIMO SENHOR

Esta Chronica del-Rei D. Affonso II que V. Eminencia me manda ver, que anda em nome de Ruy de Pina Chronista mór em tempo de El Rei D. Manoel, e agora manda imprimir Miguel Lopes Ferreira, depois de passados dous seculos, não contem cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. Não só esta Chronica, mas todas as que temos antigas desde El-Rei D. Affonso I e o Conde D. Henrique seu pai, até El-Rei D. Duarte, conforme a observação que tem feito os Eruditos da nossa Historia, todas foram escritas por Fernão Lopes primeiro Chronista mór do Reino, que depois melhorou em estilo o dito Ruy de Pina, e publicou em seu nome, com que agora se imprimiram, com a licença de V. Eminencia, a que não tenho duvida se lhe conceda. Lisboa Occidental na Caza de N. Senhora da Divina Providencia, 8 de Março de 1726.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Vicente das Chagas, Religioso da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR

Li por ordem de V. Eminencia esta Chronica del-Rei D. Affonso o II.

Della consta só a discordia, que houve entre o dito Rei, e suas irmãs, mas ainda assim (depois de obrigado) estudou como se havia de concordar, como concordou, com ellas, sinal de ser Rei sabio, e virtuoso; Sabio como diz Santo Ambrosio: «Lib. 2. de Abraham c. 6. ante medium col. 1013. B. Sapienti pacis, & concórdiae est studium, imprudenti amica jurgia»; e virtuoso como dá a entender S. João Chrysostomo «Homil. 45. ante a medi[~u] col. 373, D. Ubi concordia, ibi bonorum confluxus, ibi pax, ibi charitas, ibi spiritualis laetitia nullum bellum, nulla rixa, nusquam inimicitior, & contentio». Esta concordia, paz, caridade, alegria espiritual, &c vemos por experiencia neste nosso Reino agora de presente, mas como não ha de ser assim, se temos por Rei o Invitissimo, e Augustissimo Monarcha o Senhor D. João o V, que Deos guarde por muitos annos, de quem com muita propriedade se póde dizer o que lá disse Cicero (senão em tudo, em parte) «Orat. 42. pro Rege Dejotaro in princip. num. I. tom 2. Rex concors, pacificus, fortis, justus, severus, gravis, magnanimus largus, beneficus, liberalis, &c.» Não tem a Chronica cousa contra a Fé, ou bons costumes, e assim julgo que se póde imprimir. Santo Antonio dos Capuchos, 21 de Março de 1726.

Fr. Vicente das Chagas.

Vistas as informações, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Affonso II e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 22 de Março de 1726.

Rocha, Fr. Lancastre. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINARIO

*Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. José Barbosa
Clerigo Regular da Divima Providencia, Examinador das Tres
Ordens Militares, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, e
Academico do Numero da Academia Real da Historia
Portuguesa*

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

Por mandado de V. Illustrissima vi a Chronica del-Rei D. Affonso II que escreveo Ruy de Pina, e nella não achei por onde se não lhe deva dar a licença para se imprimir. V. Illustrissima ordenará o que for servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia, 18 de Agosto de 1726.

D. José Barbosa C. R.

Vista a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 27 de Setembro de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO

*Approvação do Reverendo Beneficiado Diogo Barbosa Machado
Presbytero do Habito de S. Pedro, e Academico do Numero da
Academia Real da Historia Portugueza*

SENHOR

Obedecendo ao Real preceito de V. Magestade, li a Chronica do Serenissimo Rei D. Affonso II do nome, e terceiro Rei de Portugal, composta por Ruy de Pina Chronista mór deste Reino, e Guarda mór da Torre do Tombo, um dos mais deligentes Escritores, que venerou a sua idade. Nella, como em pequeno mappa recopilou este Author parte das heroicas acções, que exercitou aquelle Principe, cujo coração foi sempre animado pelos espiritos marciaes, que com a Coroa herdara de seus augustissimos Predecessores, illustrando a sua Real purpura não com o barbaro sangue Mauritano, derramado na famosa conquista de Alcacere, como inferior á sua grandeza, mas com aquelle que sagradamente prodigos verteram em obsequio da Religião sobre as aras do Martyrio cinco heroicos Soldados nas adustas campanhas de Marrocos, que sendo benevolamente hospedados em Coimbra, e Alemquer pela generosa piedade da Rainha Dona Urraca, e da Ifanta Dona Sancha, uma Esposa, e outra Irmã deste Monarcha, quizeram satisfazer aquella piedosa hospitalidade com a posse das suas sagradas cinzas conduzidas ao Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pelo ferveroso zelo do Ifante D. Pedro. Certamente agora recebe nova gloria, e maior esplendor o nome não só

daquelle Principe, mas ainda do seu Chronista, pois se faz publica, e patente aos olhos do mundo uma Historia, que ha mais de dous Seculos estava occulta nos Archivos, e nas Bibliothecas, e ainda que era conhecida por alguns eruditos, não tinha a fortuna de lograr o beneficio da luz publica eternizada nos caracteres da Impressão mais perduraveis, que aquelles, que a vaidade dos homens abrio nos marmores, e esculpio nos bronzes. Desta tão grande, e tão heroica felicidade o unico, e Soberano Author é V. Magestade, pois com a altissima providencia, com que criou a Academia da Historia Portugueza intruduzio nova vida no corpo historico desta Monarchia, que jazia sepultado nas injuriosas cinzas do esquecimento. Erigio um Capitolio litterario para nelle se coroarem os Varões benemeritos da immortalidade. Abrio uma douda Officina para se lavrarem as Estatuas aos Heroes Portuguezes. Correo as cortinas ao veneravel Santuario das antiguidades Ecclisiasticas desta Coroa. Descobrio os thesouros da erudição Historica atégora fechados á perspicacia de muitos engenhos. Declarou formidavel guerra ao Imperio da ignorancia, e fez communicavel a todo o genero de pessoas o comercio das Letras. Toda esta gloria estava mysteriosamente reservada para o feliz reinado de V. Magestade, pois não lhe bastando para complemento da sua Real grandeza o suave dominio, que tem nos corações de seus vassallos, o quiz tambem dilatar aos entendimentos, como parte mais nobre, e superior de todo o homem. Animados com os generosos alentos, com que V. Magestade inspira, e protege as Sciencias, são innumeraveis os Escriitores, que com judiciosa critica, e vastissima erudição tem publicado os partos de seus fecundos engenhos, não sendo inferior a estes a zeloza diligencia com que Miguel Lopes Ferreira se empenhou em obsequio deste Reino a mandar imprimir as Chronicas dos Reaes Predecessores de V. Magestade das quaes é esta a Terceira, sendo igualmente digno da attenção de V. Magestade o seu zelo com que pretende eternizar as glorias desta Monarchia, como benemerito da licença este livro pelo nome de seu author. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Occidental 20 de Março de 1727.

Diogo Barbosa Machado.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressa torne á meza para se conferir, e taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 5 de Junho de 1727.

Marques P. Pereira. Galvão. Oliveira. Teixeira Bonicho

***Coronica do muito alto, e esclarecido
Principe D. Affonso II, terceiro***

Rei de Portugal

CAPITULO I

Como o Ifante Dom Affonso foi alevantado por Rei e como foi cazado, e com quem, e que filhos legitimos houve

EL-REI Dom Sancho de louvada memoria deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, faleceo em Coimbra na era de N. Senhor de mil e duzentos e doze; (1212) o Principe Dom Affonso como primogenito, e herdeiro foi logo alevantado, e obedecido por Rei, em idade de vinte e cinco annos, havendo já quatro annos que era cazado com a Rainha Dona Orraca filha legitima del-Rei Dom Affonso deste nome e noveno de Castella, e neste tempo sendo Ifante, depois que sua idade o premitio, e em Reinando El-Rei Dom Sancho seu padre, foi com elle em muitas cousas notaveis, e grandes feitos darmas, que naquelles tempos concorreram, em que por seu corpo, e braço assi o fez sempre como bom, e esforçado Cavalleiro, que bem pareceo ser filho, e neto do pai de que

descendia, e para claramente se ver que a Real Caza de Portugal dantigamente foi liada, e conjunta em sangue com todas as Cazas de todos os Reis, e Principes Christãos, é de saber, que El-Rei Dom Affonso noveno de Castella, sogro deste Rei Dom Affonso de Portugal foi cazado com a Rainha Dona Lianor filha del-Rei Dom Anrique Dinglaterra, e della houve dous filhos, e cinco filhas; todos legitimos, a saber, dous filhos o Ifante Dom Fernando primeiro, e herdeiro, que em idade de dezaseis annos sem ser cazado faleceo em vida de seu pai antes um pouco da batalha das Naves de Tolosa, e o Ifante Dom Anrique, que apoz elle depois de sua morte o soccedeo, e sem leixar herdeiro, que o soccedesse faleceo mui moço, como atraz na Coronica del-Rei D. Sancho é declarado, e das cinco filhas que houve uma foi a Ifanta Dona Constança primeira Senhora do Moesteiro das Holgas de Burgos, que El-Rei seu padre novamente fundou, onde ella falleceo sem cazar, e as outras quatro filhas foram Rainhas, a saber, a Rainha Dona Branca, filha maior, que cazou com El-Rei Luis de França, filho del-Rei Felipe, o que disseram Augusto, e houveram herdeiro de França El-Rei São Luis, e outros filhos, e a segunda Rainha, foi Dona Lianor, que foi cazada com El-Rei Dom James, deste nome o primeiro Rei de Aragão, de que houve filho o Ifante D. Affonso, que faleceo moço, e não Reinou, e a terceira filha foi a Rainha Dona Biringela mulher del-Rei Dom Affonso de Lião de que houve filhos El-Rei Dom Fernando Rei de Castella, e de Lião, que dizem o Santo, e o que ganhou dos Mouros Cordova, e Sevilha, e muita parte Dandaluzia, e o Ifante Dom Affonso de Molina, como na Coronica del-Rei Dom Sancho brevemente se disse, e na Coronica de Castella mais largamente se contem.

E a quarta filha foi a Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso de Portugal de que houveram dous filhos, e uma filha a saber, o Ifante D. Sancho o que disseram o Capello, que a poz elle logo Reinou, e o Ifante Dom Affonso que foi Conde de Bolonha em França, que apoz Dom Sancho por não ter legitimo herdeiro tambem Reinou em Portugal, e o Ifante Dom Fernando, que se disse Ifante de Serpa, e segundo se brevemente acha, este cazou em Castella com Sancha Fernandes, filha de Dom Fernando, de que houve uma

filha chamada Dona Lianor, que foi depois cazada com El-Rei de Dacia, e lá faleceu sem filhos, e houve mais o dito Rei Dom Affonso da Rainha Dona Orraca sua molher a Ifanta Dona Lianor, que cazou com o filho herdeiro del-Rei de Dinamarca, que depois da morte de seu padre herdou o Reino, mas quando, e como, e por quem estes Ifantes Dom Fernando, e Dona Lianor cazaram, não se acha escrito, somente parece que segundo o pouco tempo que El-Rei Dom Affonso seu padre viveo, que elles cazaram depois de sua morte, e por aderencias das Cazas Reaes de França, e Dinglaterra, com que por sangue eram mui conjuntos.

E não dou muita fé, nem authoridade ao que destas Rainhas Dona Orraca de Portugal, e Dona Branca de França vulgarmente se diz, e alguns escreveram, que os Embaixadores del-Rei de França, e del-Rei de Portugal, que juntamente vieram a Castella a requerer cazamentos destas Rainhas filhas del-Rei Dom Affonso, que os de França quizeram antes a Dona Branca, posto que era mais moça, e de menos estima, e leixaram a Portugal Dona Orraca por ser nome feo, para França, por que isto tem duas grandes contradições, a primeira que a Rainha Dona Branca não era a mais moça, mas a mais velha, e nas contendias, que depois houve antre os Reis de França, e Castella, sobre socessão de Castella, que vinha de filhas, e não de filhos, se prova isto muito craro, porque El-Rei São Luis de França pertendia ter direito em Castella, por ser filho da Rainha Dona Branca, filha maior del-Rei Dom Affonso noveno, e queria excluir a El-Rei D. Affonso deste nome o decimo de Castella, filho del-Rei Dom Fernando, neto da Rainha Dona Biringela, por ser filha menor del-Rei D. Affonso noveno, e se a Rainha Dona Orraca fora filha maior, este direito pertencia a El-Rei Dom Sancho Capelo, e a El-Rei D. Affonso Conde de Bolonha, Reis de Portugal, e filhos da dita Rainha Dona Orraca, o que não foi, e a segunda contradição é que este nome Dona Orraca era nome a Rainhas mui costumado, e de muita estima, e tal de que se muitas honraram, e leixando outras muitas, estas que me aqui occorrem apontarei, a mãe do Emperador Despanha D. Affonso deste nome o outavo de Castella, e molher do Conde Dom Reymão de Tolosa havia nome Dona Orraca, que foi a Rainha Despanha, e a Rainha de Lião, molher del-Rei Dom

Fernando, e filha del-Rei Dom Affonso Anriques, tambem havia nome Dona Orraca, que foi Princeza mui singular, e a molher de Dom Reymão Conde de Barcelona, e Rei de Aragão, que era da Caza, e Reino de França, que no mesmo Reino havia nome Dona Prona, e mudou o nome, escolhendo outro por melhor, se chamou Dona Orraca, e desta veio D. Affonso deste nome o segundo Rei Daragão, e a Rainha Dona Doce molher del-Rei D. Sancho de Portugal, de que em sua Coronica se disse.

CAPITULO II

Das desavenças que houve antre El-Rei D. Affonso, e as Ifantes suas irmãs, e da guerra que sobre esso se moveo

No primeiro anno do Reinado deste Rei Dom Affonso de Portugal, era o prazo da batalha das Naves de Toloza, que El-Rei Dom Affonso seu sogro tinha posto com Mirabolim de Marrocos, filho de outro Mirabolim, que fora vencedor na outra batalha Delharcos, para que o Papa concedeo geral Cruzada, que o Ifante D. Fernando primogenito herdeiro do dito Rei D. Affonso em pessoa foi pedir, e trouxe de Roma, e logo faleceo, como já disse, e por ganharem os perdões, e remissões de peccados grandes outros Senhores, e outras muitas e nobres gentes de toda Christandade vieram a esta batalha em pessoas á qual não se acha, que fosse em pessoa este Rei Dom Affonso de Portugal, mas que enviou gentes suas, e a cauza delle não ir em pessoa, diz, que foi porque neste proprio anno começou de Reinar em Portugal, e assi por bolços, e desassocegos que dantre elle, e suas irmãs se moveram, como ao diante se dirá. E

este Rei Dom Affonso de Castella ao tempo desta batalha era de cincoenta e seis annos, e no anno seguinte tendo Cortes em Burgos, se diz que mandou a ellas chamar a este Rei de Portugal seu genro, ás quaes elle não quiz ir, e elle anojado desso, determinou fazer-lhe guerra, e tomar-lhe os Reinos se podesse, e que com este fundamento indo para Prazença adoeceu no termo de Revaldo em uma Aldea, que se diz Martim Manhos, e ahi faleceu, e foi dahi levado, e sepultado no Moesteiro das Holgas de Burgos, que elle novamente fundou, e outros dizem que vinha para se ver no extremo de Portugal com seu genro para o aconselhar em suas couzas, e debates em que andava, com suas irmãs, e que todavia faleceu no dito lugar, porque tambem este Rei Dom Affonso de Portugal logo como Reinou não lhe faleceram grandes necessidades, e afrontas de excommunhões do Papa, e de guerras, e desavenças que houve com suas irmãs a Rainha Dona Tareja, molher que fora del-Rei Dom Affonso de Lião, e da Ifante Dona Sancha, de que a cauza brevemente foi esta.

El-Rei Dom Sancho, como em sua Coronica disse, leixou em seu testamento á Rainha Dona Tareja, sua filha, que fora cazada com o dito Rei Dom Affonso de Lião, a Villa de Monte mór o Velho, e Esgueira, e mais dez mil maravedis douro, e certa prata, e que se ella morresse, que houvesse estes Lugares a Ifante Dona Branca sua irmã della, e leixou á Ifante Dona Sancha a Villa Dalanquer, e dez mil maravedis douro, e tambem prata, e que se ella falecesse, que houvesse a Villa a Ifante Biringela sua irmã, das quaes Villas, e cousas ellas houveram a posse, e as tinham; mas El-Rei Dom Affonso seu irmão em caso que fosse contra seu juramento, e menagem, não quiz estar inteiramente pelo testamento del-Rei seu padre, antes como Reinou logo pedio as ditas Villas, e Fortalezas a suas irmãs, dizendo: «Que El Rei seu padre lhas não podia dar, que era em mui grande diminuição do Reino, e que era sobresso concedido privilegio do Papa Alexandre Terceiro, por o qual as cousas do Reino senão podiam dar a alguma pessoa nem emlhear, e que assás lhe leixara a ellas nos maravedis douro, e prata de seu testamento com outras cousas, que tinham de suas fazendas.

E sobre este requerimento El-Rei, e a Rainha, e as Ifantes suas irmãs por lhe darem reposta, pediram dias de liberação, dentro dos quais ellas se recolheram logo com a Ifante Dona Branca sua irmã ao Castello de Monte mór, e o basteceram, e fortalezaram, e deshi se enviaram logo aggravar ao Papa Innocencio III que ficára por executor do testamento del-Rei seu pai, e por esso lhe leixou o dito Rei D. Sancho seu pai cem marcos douro, e assi o fizeram ellas mais saber ao dito Rei de Lião com que a dita Rainha Dona Tareja fora cazada, e era apartada delle pela Egreja, de que houveram logo ajuda, e soccorro, a que por seu mandado veo logo o Ifante Dom Pedro seu irmão dellas filho del-Rei Dom Sancho o que depois passou a Marrocos, e trouxe aos ossos dos Martyres, e assi veio ao dito soccorro, e ajuda o Ifante Dom Fernando filho da dita Rainha Dona Tareja, e del-Rei Dom Affonso de Lião, e assi veo em sua companhia Dom Pedro Fernandes de Castro o Castellão, aquelle que em companhia dos Mouros foi prezo em Portugal, e logo solto, e depois passou, e morreo em Marrocos, e com alle veo muita gente, que foi nos estremos de Portugal, donde enviaram ás ditas Villas, e Fortalezas de Monte mór, e Alanquer aquella que comprio para defenção dos Castellos, e para resistencia del-Rei Dom Affonso de Portugal, o qual por sentir muito o insulto tamanho dos estranhos, e tão grande desobediencia dos seus naturaes, veo logo á dita Villa de Monte mór, e por algumas vezes requereo a suas irmãs, e principalmente a Dona Tareja, cuja era, que houvesse por bem de desistir de seu alevantamento, e quizesse que o Castello se entregasse a algum homem de que ambos se confiassem para o ter em boa guarda, e fieldade, e que de sua fazenda delle lhe faria dar todas dispezas, e mantimentos para esso necessarios, e que este arrecadasse inteiramente para ella todas as rendas, e direitos da Villa, mas que as menagens fossem feitas a elle, o que ella nunca quiz fazer, antes se diz que consentio, que os de dentro em desprezo, e por injuria del-Rei seu irmão calando o nome do Reino, e del-Rei de Portugal a que deveram acatar, e obededer, envocaram, e chamaram o nome de Lião, que repetiam muitas vezes, e que outro tanto mandou fazer a Ifante Dona Sancha no Castello Dalanquer, e por tanto El-Rei temendo perder os ditos Castellos os mandou cercar, e combater, e com a gente do cerco,

que sobreveio se seguiram nelles, e em seus termos pela condição da guerra muitas mortes, e danos de uma parte, e da outra, pelo qual os Ifantes, e Senhores, que com a gente do Reino de Lião, que disse entráram em Portugal tomáram Valença do Minho, e Melgaço, Algozo, e Freixo, e outros Lugares chãos que roubaram, e queimaram, em que fizeram muito mal.

CAPITULO III

Como foi pelo Papa procedido contra El-Rei D. Affonso por causa da contenda que havia com suas irmãs, e como finalmente foram concordados

E sobre isso para mais tormento del-Rei Dom Affonso de Portugal vieram de Roma por juizes Delegados do Papa a requerimento das Ifantes o Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Çamora, que por El-Rei de Portugal ir contra o testamento del-Rei seu padre, e por não desistir do cerco, que tinha posto aos Castellos de Monte mór, e Alanquer, excommungou sua pessoa, e pozeram entredicto geral em todo o Reino, exceptuaram sómente as ditas Ifantes, e seus sequazes, e servidores, sobre o qual El-Rei Dom Affonso com rezões, e cousas que achou, e lhe aconselharam de sua justiça se enviou destes procedimentos querelar, e aggravar ao Papa, e pedir emenda del-Rei de Lião, e dos que tinham as Villas, e Castellos de seus reinos forçados, e nelles feitos muitos danos, alegando sobre isso a pouca justiça que suas irmãs tinham nas Villas, e Castellos de seu Reino, com que se levantáram, e dando outras rezões, porque entendia ser relevado da culpa que lhe dava dizendo por sua escuza, que o não obrigava o juramento, e menagens, que fizera de cumprir o testamento del-Rei Dom Sancho seu padre, porque o

fizera forçado, e por não ser deserdado do Reino, e mais que a esse tempo seu pai não estava em todo seu sizo, e entender verdadeiro, pois tanto contra justiça fizera tamanho enlhecimento das cousas do Reino, que não podia fazer.

E o Papa por seu respeito cometeu este negocio aos Abbades Despina, e Vicarria, que fez Juizes Commissairos, os quais vieram a Coimbra onde sobre segurança já praticada, e antre todos concordada, foram tambem juntos El-Rei Dom Affonso, e suas irmãs em pessoas a que os Juizes deram solene juramento porque prometeram estarem todos á obediencia, e detreminação de todo o que elles em nome do Papa ácerca de seus negocios detreminassem, e mandassem, e por este juramento, e promessa que se fez El-Rei, e os seus foram da excommunhão ausolutos, e alevantado o antredicto do Reino. Os Commissairos pozeram antre elles treguas, e seguridad, que todos prometeram guardar, até o Papa finalmente detreminar suas contendadas, e debates, e algumas condições das treguas principaes, eram que os de uma parte, e da outra podessem livremente andar, e tratar por as terras chans uns dos outros, mas que nas Villas, e Castellos cercados não entrassem sem licença dos Senhores dellas, e que tudo podessem, uns e outros comprar, e vender salvo armas, e cavallos, e que ellas Ifantes em algum seu Lugar de Portugal não podessem mandar lavar moeda douro, prata, nem dalgum metal, que quatro Cavalleiros principais da parte del-Rei jurassem que se El-Rei não guardasse as treguas que cada um delles com cinco Cavalleiros mais servissem as Ifantes contra El-Rei e cada uma das Ifantes désse outros tantos por si, que com esta condição servissem a El-Rei contra ellas, e mais que El-Rei désse cem homens cazados, e honrados de Coimbra, e que todos lhe fizessem, e pagassem foro, e outros cento semelhantes de Santarem, que jurassem todos fazer sempre cumprir esta tregoa, e que não a comprindo El-Rei, que servissem ás Ifantes contra El-Rei, e que ellas por sua parte déssem outros taes, a saber: cento Dalanquer, e cento de Monte mór, para que se ellas não comprissem a tregoa, que servissem a El-Rei contra ellas, e que neste tempo uns, e outros, não cercassem Villas, nem Castellos, nem se fizesse algum mal, sopena de excomunhão, e

antredicto, em que elles, e todos los ajudadores, e favorecedores ipso facto encorressem, e com mandado estreito aos Prelados do Reino, que a cada um assi como lhes tocasse as sentenças dos ditos alegados fizessem inteiramente cumprir, e executar até o Papa finalmente as aprovar, ou emendar como fosse justiça.

Esta tregoa, se fez em Coimbra na era de nosso Senhor de mil e duzentos e quatorze annos, (1214) dous annos depois que El-Rei começou a Reinar, e logo ahi se fulminou e principiou processo em que a Rainha, e a Ifante cada uma per si segundo os danos que del-Rei seu irmão tinham recebidos, e pelas injurias, e males, que no cerco padeceram, pediam contra elle restituição, e assi segurança perpetua de suas Villas, e Castellos, e gram soma de maravedis, que naquelle tempo era moeda douro assi geral, e praticada como neste agora são na Europa os cruzados, e ducados, porque sessenta delles faziam um marco douro, como já em outras partes tenho dito, e ás petições das ditas Senhoras, veo El-Rei por seu procurador com exceições, e contrariedades, e compensações sobre que de uma parte, e da outra foi dito, e assás alegado, e sobre seus alegados foi o feito concruzo, e os Juizes remeteram a publicação da final sentença para Melgaço, Castello de Portugal no extremo de Galiza, a que mandaram que El-Rei, e as Ifantes fossem por si, ou por seus procuradores, onde no Maio seguinte a publicaram, e foi El-Rei condenado por a dita sentença em grande soma de dinheiro, e doutras emendas, e depois que passou o termo para a paga, assinado, pozeram em El-Rei sentença Dexcommunhão, e assi antredito em todo o Reino, de que logo apelou, e depois de muitos debates, e delongas, que em Roma, e Espanha sobre este caso passaram, que não fazem a realidade da Estoria, finalmente El-Rei, e as irmãs se concordaram por maneira, que as Villas de Monte mór, e Alanquer ficaram com ellas segundo a disposição do testamento del-Rei Dom Sancho seu pai, e as Villas e Castellos, e terras de Portugal, que El-Rei de Lião tinha tomadas foram entregues, e restituídas a El-Rei Dom Affonso. No qual meio tempo que durou esta divisão, e discordia uns e os outros fizeram grandes, e danosas entradas, e muitos roubos nos Reinos, uns dos outros, em que houve pelejas particulares sem alguma façanha de

notar, cuja longa, e expressa declaração não ponho ora; porque para a sustancia da Estoria não é muito necessaria.

CAPITULO IV

Do fundamento que houve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cercado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente

Nos primeiros cinco annos que El-Rei Dom Affonso Reinou não se acha, que socedessem outras cousas, salvo as desavenças, e desacordos em que andou com suas irmãs, e irmãos e assi a guerra com El-Rei de Lião, e com suas genetes como já disse, e passados os ditos cinco annos, e andando a era de nosso Senhor em mil e duzentos e dezasete annos os Christãos, que estavam na conquista dultra már por defenção, e recobrimento da Terra Santa, tinham muitas necessidades de concorrer ás cruas guerras, e cercos apertados, que dos Infieis padeciam, para o que os Summos Pontifice convocavam, e requeriam todos os fieis Christãos de todas as nações, e vindo por mar a este soccorro muitas gentes Dalemães, e Framengos, e outras de contra o Norte fizeram todos uma frota de cento e cincoenta naos de que eram Capitães principaes Iliquino, Conde Dolanda, e Georgeo, Conde de Frisa, com que iam outros Senhores, e grandes homens, e sendo em mar, em través de Portugal para demandarem o estreito de Cibraltar deu na frota tão grande, e tão contraria tromenta, que algumas naos dellas se perderam, e outras correram ao Cabo de S. Vicente até a Villa de Farão, a qual com toda a Comarca, e Reino do Algarve

ainda eram Mouros, e porque o vento contrairo, e assi a terra de imigos, em que estavam, não lhes traçavam bem para sua segurança, elles para dos danos, e perdas recebidas se poderem melhor reparar fizeram volta, com fundamento de se virem ao porto de Lisboa.

Sendo outra vez em mar, deu nelles outra tromenta mais aspera, e de maior perigo que a primeira, em que já também perderam algumas naos com toda a gente que nellas vinha, e a outra frota depois que a tromenta cessou, e sobreveo bom vento de viagem, entrou toda via, e veo surgir ante a Cidade de Lisboa, e os Capitães della assás tristes, e anojados, pelas grandes perdas de gentes, e doutras cousas, que no mar tinham perdidas, e sahindo logo Capitães com pouca gente em terra, o Bispo, que então era de Lisboa chamado Dom Matheus, sabendo que eram Christãos os recebeo, e tratou com muita honra, e bom acolhimento, segundo a bondade de uns, e as necessidades dos outros requeria, de que o Bispo logo soube o proposito com que vinham, que era por soccorro, e ajuda da Caza Santa. E dahi a poucos dias este Bispo de Lisboa porque era Prelado de mui bom espirito, e grande coração, depois de ter juntos com seus rogos, e boa humanidade os principaes destes Estrangeiros lhe disse.

«Honrados, e devotos Senhores, Deos sabe que a mim peza muito de todos os nojos infortunios, que passastes, e o remedio por agora não é outro

salvo paciencia do passado, e esforço, e bom coração para o que mais vier, vós vedes bem, quanto vos é contrairo o tempo para seguirdes vossa proposta viagem, e desto por vossos Pilotos, e mariantes podeis ser melhor certificados, póde ser, e eu assi o creio, que Deos o premite assi para alguma cousa de seu louvor, e serviço, e também de nossas honras, e proveito, e esto digo porque aqui junto ha um Castello em poder de Mouros, que dizem Alcacere, de que esta terra toda que é de Christãos recebe muito dano; se vos prouver pois este feito, não é estranho doutros, que empredestes, e a que his ajudarnos nelle, assi como vejo que podeis fazer, e com vossa gente, e ajuda de Deos principalmente, o ganharemos dos

infieis, e pois a obra, e o serviço é de Deos, elle por sua grandeza, e piedade vos dará delle bom galardão, e nestas cousas sómente que tocam a vossa honra, e salvação, aconselhai-vos com sizo, e com a devoção, e não com a vontade carnal, porque assás de vergonhosa cousa será publicardes pelas bocas bom dezejo para o servir, e as obras, que são tão possiveis serem disso contrairas, e pois o lugar, e tempo se offerecem agora tão despostos rogo-vos que elles não vos passem com ociosidade, ca bem creo, que bem sabeis que ella é fundamento de todos peccados, e sepultura dos homens vivos, e corrupção de todos costumes, e propositos virtuosos, e pois em vossos sobre sinaes que trazeis mostraes serdes devotos, e servidores da Cruz, assi tambem é rezão que sejais imigos dos imigos della, e vossas mãos fortes deem agora verdadeiro testemunho da bondade, e fé de vossos corações, e esta tomada de Alcacere, para que vos convido, e requeiro, será com a graça de Deos assás possivel, se vós com vossas pessoas, e frota quizerdes ajudar a nós, que com outra gente do Reino vos seremos em todo fieis, e bons companheiros.»

Estas palavras, e outras muitas a estas conformes disse o Bispo aos Estrangeiros, alguns dos quais depois de haverem antre si seu acordo, e conselho tiveram oppinião contraira, e se partiram, e outros, que foram os mais consentiram na proposição, e requerimento do Bispo, e lhes aprouve ser na ida sobre Alcacere.

CAPITULO V

Como Alcacere foi cercado, e com que numero de gente Portuguezes e tambem Estrangeiros

AQUELLES Estrangeiros que foram dacordo com os Portuguezes de irem sobre Alcacere se recolheram logo ás suas naos, e sendo aparelhados do que lhes compria no mez de Setembro, se foram, e seguiram a barra de Setuvel, que neste tempo era Lugar pequeno, e não era cercado, em que pescadores sómente viviam, e da gente de Portugal se acha que foram estes Capitães principaes, a saber este Dom Mateus, Bispo de Lisboa, e Dom Pedro Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo, e Dom Mestre Gonçalo, Prior do Espital, e Martim Barregam, Commendador de Palmella, e estes levaram consigo da terra, Comarca de Lisboa, e de Evora, e de seus termos vinte mil homens, de que os mais eram de pé, e alguns de Cavallo, e não se acha que El-Rei Dom Affonso, que então Reinava em Portugal, fosse neste exercito em pessoa no qual tempo parece que elle deveria ser doente, ou empedido por alguma outra urgente causa, porque não pôde ser neste feito, e haveria por bem, e mandaria que se fizesse prestes, como se fez, ca não é de crer, tamanho feito sem seu mandado, e authoridade se cometesse, e o que se neste caso achou, é que os Estrangeiros em navios, que poderam ir, foram de Setuvel pelo rio acima até junto Dalcacere, onde saindo alguns para tomar uvas, os Mouros, que da sua ida eram já bem avizados, com armas lhe foram resistir, em que houve algum acometimento de peleja, de que um Mouro se diz que ficou morto, e os outros se recolheram ao Castello, e os Estrangeiros surgindo com seus navios mais ávante poseram defronte da Villa suas pranchas, e sem resistencia saíram em terra, e logo elles, e os Portuguezes que já tambem eram chegados, juntos com devida deligencia e resguardo cercaram o Castello de maneira que alguma pessoa não podia sair, nem entrar sem conhecido perigo; mas os Mouros posto que com tanta estreiteza se vissem cercados não mostravam ter por isso desmaio, nem temor, vendo que o Castello em que estavam era de muros, Torres, barreiras, e a cava mui forte, e bem provido, e acalcado de muitas gentes, e armas, e mantimentos para grandes tempos, e por melhor seneficança aos de

fora de seu esforço, e confiança, poseram muitas bandeiras por cima do muro de que em sinal de desprezo diziam feas palavras, e davam suas costumadas gritas.

E os Christãos leixaram boa guarda sobre sua frota, que com gentes, e armas ficou no porto bem segura, e sobre esso uns, e outros fizeram logo combater o Castello, e vendo que pela larga, e alta cava com que o muro era em torno valado não poderam bem chegar aos muros, e cortaram tantas arvores de fruto, e juntaram tanto outro mato que sendo igual a cava com a terra de fóra podessem mais sem trabalho chegar aos muros, mas os Mouros aconselhados das necessidades e perigos em que se viam, lançaram de cima tanto fogo, com tantas cousas temperado, que a lenha da cava ardeo logo toda, por cujo impedimento leixaram logo de combater, e apoz esto ordenaram os Christãos um engenho para com pedras destroirem o muro, mas sua fortaleza de dentro era tal, que dos seixos de fóra lhe dava muito pouco, pelo qual tornáram a lançar tanta lenha na cava, com que foi chea, e tal guarda se poz, que não foi dos Mouros queimada como elles logo tentaram, por cima da qual os Christãos chegados ao muro deram um combate a que os Mouros com seu grande esforço, e muitas armas resistiram de tal maneira, que afastaram os Christãos dos muros, em que de uma parte, e da outra houve assás mortos e feridos.

CAPITULO VI

Dos Reis Mouros que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram victoriosos

Os Christãos, que tinham cercado Alcacere, e os Mouros que nelle eram cercados tinham antre si diversos pensamentos, ca uns consultavam engenhos para brevemente tomar, e os outros artificios para se delles pefender, e tambem não leixavam de buscar, e consultar conselhos, e remedios para com soccorro serem descercados, sobre que tinham feitos seus avizos a quatro Reis Mouros, que eram na Espanha, a saber El-Rei de Sevilha, El-Rei de Cordova, El-Rei de Jaem, e El-Rei de Badalhouse, os quaes para este soccorro, e descerco foram pôr seu arraial ao lugar que chamam Sitymos, que é uma legoa Dalcacere, de cuja vinda sendo os Christãos logo sabedores foram postos em temeroso pensamento. E não era sem causa, segundo verdadeira certidão que houveram, ca traziam comsigo por terra quinze mil de Cavallo, e oitenta mil de pé, e pelo mar dez Galés bem remadas, e aparelhadas.

Mas aquelle alto Deos, que sobre todos tem o poder, não quiz em tanto perigo e necessidade desemparrar os Christãos, que por sua fé emprenderam, sostinham esta demanda, porque por uma sua permissão piadosa arribaram a este porto, tambem na paragem de Setuvel trinta e seis naos de uma Cidade que dizem Trageito, com gentes Christãs, nobres, e de bom esforço, que iam áquella Conquista dultramar, que disse, os quaes em suas bandeiras traziam sinaes de S. Martinho, porque a jurdição daquella terra donde vinham era do Bispo daquella Cidade; da frota era Capitão mór Dom Anrique de Nehusa, o qual leixando suas naos com aquella segurança e resguardo de gente que compria, elle com a outra em bateis, e navios piquenos se foi ao arraial de Alcacere, onde dos Christãos foram com muita alegria de grandes louvores recebidos, e todos logo acordaram de valar o arraial em torno com valos altos e fortes para resistencia dos Reis Mouros, que vinham, e aqui se diz, que alguns Estrangeiros da primeira frota aconselhavam e requeriam aos outros da sua companhia, que se partissem em paz, e não esperassem o perigo da batalha, escuzando sua

covardice torpe, com dizerem, que quando de suas terras partiram, seu voto e proposito não foi pelejar se não com aquelles infieis que tinham tomada a terra de Jerusalem, e o Santo Sepulchro, e que alguns Portuguezes, em que não havia verdadeira Fé, nem bondade de coração concordavam com elles, dando por voto covarde, que era bem de descercar o Lugar, e leixalo sem contenda, e posto que destes houvesse alguns com suas mostranças de tão vituperada fraqueza, havia porém outros muitos cuja santa, e virtuosa contrariedade esforçou, com que determinaram não descercar o Castello, e confiando em Deos esperar a ventura que lhes viesse, pelo qual fizeram logo seu alardo, e de gente de pé bem armada, e bem disposta para peléjar, se diz que acharam comsigo muita, mas gente de Cavallo se affirma que escassamente refizeram trezentos.

E os Reis Mouros para comprimento do proposito com que vieram, acordaram que com a maior força que nelles houvesse viessem logo ferir no arraial dos Christãos, e que tambem as suas Galés, que tinham já tomada uma nao de Portugal com duzentos homens e jazia na entrada do porto de Setuvel, juntamente pousessem fogo á frota dos Christãos, que jazia sobre amarra, mas os Christãos receosos deste dano, e avizados já para esto, pozeram tal guarda e defenção na frota, que os Mouros o não cometeram, e foi sempre delles segura, e uma segunda feira como foi manhã saíram do arraial dos Mouros cinco de Cavallo corredores, e como chegaram, e viram o assento do arraial dos Christãos logo volveram ao seu, e sobre esto abalou todo junto o seu Exercito em que havia tantas gentes, que toda a terra cobriam, trazendo comsigo tão grande estrondo de alaridos, e gritas, e com tantos sons de trombetas, e outros desvairados instrumentos, que a qualquer coração por abastado de esforço que fora não leixára de tocar de grande medo, e muito espanto, pelo qual os Christãos havendo-o assi por melhor, saíram a elles de suas estancias, postos em suas batalhas ordenadas, e com muita ardidez uns aos outros logo se cometeram, e feriram, em que da uma parte, e da outra houve cruel, e bem ferida peleja com mortes, e feridas de muitos, e daquella vez se diz que os Mouros levaram a vantagem da batalha, com a qual se recolheram em seu arraial.

CAPITULO VII

Da segunda batalha que houve sobre Alcacere, e como os Reis Mouros foram vencidos, e feito grande estrago em suas gentes

Os Christãos vendo para o fim que vieram um começo tão contrairo, e que a força Dalcacere se fazia cada vez mais forte, e a elles tirava toda esperança de por força o cobrar, não leixávam de murmurar, e apontar que seria bom irem-se, e por aquella vez leixar o cerco, e o Bispo de Lisboa, que na gente dos Christãos era pessoa de mór credito, e mais principal, sentindo na noite seguinte a temerosa e fraca murmuração, que em todo o seu arraial havia, elle em prezença dos mais que por então se poderam ajuntar lhes disse. «Honrados Senhores e amigos, esta desaventura, e grande mal de que todos estaes espantados, não veo sobre vós das forças, nem das armas dos nossos imigos, mas cauzou se da grande presunção, e muita confiança que de vós mesmos e de vossas forças, e multidão de gentes logo tomastes, esquecidos em todo, da só, e principal ajuda de Nosso Senhor, e Salvador Jesu Christo, que se nos agora aqui faleceo foi para o melhor conhecermos, mas pois já aqui viemos, e somos mui fortes para armas, e temos gentes, e estamos bastecidos de mantimentos, não queiraes desconfiar, porque esta aversidade a potencia de Deos a permite para crara esperiencia de maior nossa fé e mais merecimento de nossas almas, mas brademos, e clamemos de coração ao Senhor Deos, e com efficacia, e devação, que nossas necessidades requerem lhe pessamos que esta sua ira, se contra nós, por nossos peccados a tem, a queira converter em nossos imigos, e cada um com os

giolhos em terra diga por si como eu digo por mim: Senhor Deos Padre das misericordias, e grande ajudador nas tribulações ex as muitas nações de tantos infieis vieram para nos destruir, pois como duraremos ante a face delles se nos tu Deos não ejudas, e pois assi é Senhor agora não ponham ante ti a lembrança de nossos malles e peccados, nem tomes de nós aqui vingança por elles ante estes imigos de tua Santa Fé, tu por tua bondade, e potencia os dá nas mãos, e poder de teus servos, por tal, que os que em ti crem louvem mais o teu Santo nome».

No cabo da qual Oração, que todos devotamente, e com muitas lagrimas o seguiram, se diz que por consolação dos Christãos logo appareceo publicamente no Ceo um maravilhoso sinal por bemaventurado prognostico, a saber, um homem resplandecente, como Sol, e alvo como uma neve, e no peito trazia o sinal da Cruz vermelha mais luzente que as Estrellas, com que os Christãos, que craramente o viram foram mui alegres e esforçados, crendo que Deos era em sua ajuda, e com este prazer e alegria, que geralmente todos conceberam, já com seu temor dormiram assocegados aquella noite, e ao outro dia como foi manhã o Bispo, como era homem em que havia prudencia, e bom esforço, para se não esfriar o alvoroço que sentio nos Christãos com a longura dalgum tempo, falou logo ás gentes do Exercito que o podiam ouvir dizendo: «Senhores amigos bem vistes todos o grande e maravilhoso sinal que para não temermos, e sermos esforçados Deos Nosso Senhor tão publicamente nos quiz mostrar, e por isso já seria muita nossa fraqueza, e grande mingoa de nossa Fé tardarmos mais para a segunda batalha, mas com o esforço de Deos, que temos presente, e com ajuda, e preces dos Santos Martyres Proto, e Jacinto, cujo dia hoje é, vamos logo ferir nos imigos, ca pelo melhoramento da vitoria, que contra nós houveram, agora os acharemos mais repouzados, e menos percebidos».

Pelo qual os Christãos postos em suas batalhas bem concertadas, com grande ousadia, e sem sinal dalgum medo saíram, e foram dar no arraial dos Mouros, e assi duramente os cometeram, e tão cruamente os feriram, e foram tão cortados, e trovados de medo,

que parecia não terem armas para pelejar, nem forças para resistir, e desacordados se diz, que elles mesmos uns aos outros se feriam, e matavam, e se espedaçavam com os pès dos Cavallos, e que outros com medo da morte duvidosa a tomavam certa no rio, que era junto em que se lançavam, e afogavam, e vendo-se os Reis Mouros, e suas gentes assi salteados, e vencidos não tendo já alguma esperança em sua resistencia, nem peleja, procuraram buscar sua salvação na fogida, em cujo alcance os Christãos matando, e ferindo seguiram, em que se affirma que dos quatro Reis que alli vieram, dous delles sem se dizer quem eram, foram mortos, e com elles trinta mil Mouros mais, e com esto recolhendo o muito, e mui rico despojo, que acharam no arraial dos Mouros, os Christãos se tornáram mui alegres a seu cerco, que tinham posto sobre a Villa, dando todos muitas graças e louvores ao Padre nosso Senhor, que de sua mão deu esta vitoria, que foi a onze dias de Setembro do sobredito anno de mil duzentos e dezasete annos, (1217) dia dos ditos Martyres Proto, e Jacinto, á certidão da qual vitoria, como foi dada aos infieis, que para este descerco eram em sua frota postos no mar elles desacordados, e tristes se partiram, onde se diz que se perderam alguma parte de seus navios, e de suas gentes assás nelles.

CAPITULO VIII

Como os Christãos combateram e tomaram o Castello Dalcacere

Os Christãos por esta vitoria ficaram alegres, e mui esforçados,

depois de consultarem sobre a melhor maneira que teriam para tomar a Villa, fizeram duas escadas grandes, e com gente darmas que comprio foram logo juntas ao muro para o entrarem, e comessarem de combater o Castello; mas os Mouros com a necessidade que tinham de salvar suas vidas, dobráram suas forças, pelo qual assi com fogo, com pedras, e traves, e setas, que de cima do muro lançavam, afastaram os Christãos longe do muro, em que da uma parte, e da outra foram muitos mortos, e feridos, e porque os Christãos viram que aquella qualidade de combate por a grande fortaleza, e desposição dos muros lhe não socedia como dezejavam, fizeram logo cavas, e minas por baixo da terra para as poerem debaixo dos muros, e postos em contos os derribarem por fogo; mas os Mouros que desto por avizos, ou por conjeituras foram bem sabedores contraminaram as cavas dos Christãos, e uns, e outros com peleja mui crua se encontraram, em que houve muito sangue derramado, e com grandes fogos, e cousas fumosas que os Mouros fizeram, lançaram os Christãos fora das cavas, e pozeram sobre si segura guarda, pelo qual vendo os Christãos que alguma cousa das cometidas de todo lhes não aproveitava, elles, por conselho, e ordenança do Capitão da frota, que era homem engenhoso, e de bom esforço, fizeram logo duas bastidas de madeira muito fortes, e tão altas que cada uma dellas sobejava por cima das mais altas Torres do Castello, donde os combates que nellas poseram iam seguros, e não temiam os danos dos Mouros, e com esto, e com outros engenhos que mais ordenaram, e com muitos bésteiros, e frecheiros commetteram o Castello rijamente por muitos lanços do muro, por cima do qual os Mouros com a força das setas, e pedras que lhe lançavam, não ouzavam parecer nem resistir como dantes faziam, e vendo-se fracos de suas forças, e desesperados já em tudo, de todo o soccorro, e finalmente porque se não podiam suster, fizeram sinal que se queriam render, e sobre seguro, que lhes foi dado, vieram á pratica, e apontamento, em que pediram as vidas, e fazendas, mas as vidas sómente lhe foram outorgadas com segurança das quaes elles abriram as portas do Castello, e assi seguros se sahiram, e foram para onde quizeram, e o Alcaide do Castello, que antre elles era a pessoa mais principal, não se quiz ir com os outros, mas acha-se que da tomada da Villa, a

tres dias por sua vontade foi bautizado, e tornado Christão, e os outros Mouros que os Christãos acharam pelas Aldeas, e Lugares de redor todos, se diz que sem resistencia morreram a ferro, e os grandes despojos que da batalha passada se recolheram, e na Villa se acharam foram logo igualmente repartidos sem vantagem dalgum, salvo que ao Capitão de fóra, porque por seu conselho e ordenança o cerco fora sempre regido lhe deram mais déz por prezioneiros, que elle tomára.

E porque ao Bispo de Lisboa não foi sobre elles dada alguma vantagem, que bem merecia, o Capitão da frota a que tal escasseza não pareceo bem, por seu conforto lhe disse: «Reverendo Bispo, posto que vós aqui pelo bem recebeis mal, e pela bondade malicia rogo-vos que a estes homens, que tão mal o conhecem, e fazem sejais paciente, porque o principal galardão que por este trabalho mereceis Deos nosso Senhor que é bom, e justo, e porque bem o recebestes volo dará bom no Ceo, e será melhor que este de cousas da terra». E com esto os Estrangeiros se recolheram a suas frotas, e se partiram para onde quizeram, e o Bispo com os senhores Portuguezes, que ao cerco vieram depois de leixarem a Villa afortalezada, e bastecida, como viram que compria, tambem se tornaram para suas terras, e cazas, e esta tomada de Alcacere em tempo deste Rei Dom Affonso II foi em dia de S. Lucas, a dezoito do mez de Outubro da era de nosso Senhor de mil duzentos e dezasete annos, (1217) e dahi a um anno este Rei Dom Affonso com a Rainha Dona Orraca sua molher lhe deo foral que agora tem, como por elle parece.

CAPITULO IX

Como cinco frades Italianos da Ordem de S. Francisco foram a Marrocos a prégar a Fé de Christo, e primeiramente chegaram a Sevilha, que era de Mouros

DESTA tomada Dalcacere até o falecimento Del-Rei Dom Affonso se passáram seis annos, nos quaes se não acha feito que elle fizesse, nem se passasse cousa dina de memoria, salvo que depois em sua vida, e da dita Rainha Dona Orraca sua molher, o Ifante Dom Pedro seu Irmão filho tambem legitimo del-Rei Dom Sancho trouxe a Coimbra os ossos dos cinco Frades Menores, que em Marrocos morreram Martyres, cujo caso segundo a Lenda Santa, que delles se lê, e segundo o que mais delles verdadeiramente se acha foi brevemente nesta maneira. Na Coronica del-Rei Dom Sancho pai deste Rei, falando dos filhos que teve sumariamente disse: que o Ifante Dom Pedro, seu filho, o qual bem acompanhado de nobre gente Despanha passara em Africa, e estivera em muita estima, e grande authoridade com Mirabolim de Marrocos, até o tempo do Martyrio destes Santos Frades, dos quaes se acha por a dita sua Lenda, e por inquirição verdadeira, que o sobredito Dom Matheus, Bispo de Lisboa, delles, e do seu Martyrio, e milagres tirou por testemunhos de muitos, dinos de fé, que com o dito Ifante andaram, e principalmente por um Cavaleiro de Santarem que chamavam Estevão Pires, homem velho, e honrado, e de louvada vida, e costumes que ao dito Ifante sempre servio, que na era de nosso Senhor de mil duzentos e dezanove, (1219) e aos treze annos da primeira conversão de S. Francisco, elle por vontade de Deos, escolheo em sua vida seis Frades de sua Ordem por natureza Italianos, e de maravilhosa santidade, a saber: Frei Vital, e Berardo, Otone, Acurcio, Pedro, e Adjuto, e por saberem bem a lingua Arabiga os mandou ao Rei, e Reino de Marrocos, que naquelle tempo sobre os Mouros Dafrica, e Despanha tinha o mór Principado, para lhe prégaem, e trabalharem pelo converter á Fé de Christo.

E destes seis Frades fez maioral, e Prelado a Frei Vital, o qual como

elle com os outros chegassem ao Reino Daragão adoeceo; e porque vio que sua doença se prolongava por tal que seu mal corporal, o bem, e negocio espiritual, e de Deos não impedisse, mandou que por comprirem o mandado de Deos, e de S. Francisco se fossem a Marrocos, os quaes por sua obediencia o leixaram doente, e se partiram, e chegeram á Cidade de Coimbra onde a esse tempo era a Rainha Dona Orraca molher deste Rei Dom Affonso, a qual os fez ir ante si, e como falasse com elles em cousas de Deos, e nelles visse tão grande desprezo do mundo, e tamanho fervor de morrer por amor de Jesu Christo, e sem duvida os julgou, e houve por mui verdadeiros, e prefeitos servos de Deos, e por isso com grande instancia lhe rogou, que por suas rogações pedissem a Deos que revelasse a ella o derradeiro termo de sua vida, e posto que elles com sua humildade confessassem não ser dinos entender nos segredos de Deos: porém vencidos das devotissimas preces da Rainha, ditas com muitas lagrimas, prometeram-lhe que assi o pediriam, os quaes orando a Deos com firme, e pura fé, não sómente o que da vida da Rainha, mas ainda o seu Martyrio, por revelação de Deos lhe foi tambem senificado, porque logo disseram que os derradeiros dias da vida da Rainha seriam mui sedo quando seus corpos depois de seu Martyrio, fossem de Marrocos ali trazidos, e della mesma Rainha, e de todo o povo com grandes honras recebidos, e assi foi como se dirá.

Partidos os Frades de Coimbra para seguirem sua santa jornada, vieram por aviamento da Rainha Dona Orraca á Villa Dalanquer, onde estava a Ifante Dona Sancha, irmã del-Rei Dom Affonso, que era Senhora da dita Villa, a que tambem revellaram todo o seu proposito; como ella foi Princeza mui santa, aprovando seu negocio ella sobre os habitos da sua Religião que elles traziam lhes deu outras vestiduras seculares, taes, com que mais livres, e facilmente podessem passar a terra de Mouros, e assi com seus habitos desimullados foram á Cidade de Sevilha, que então era de Mouros, onde na pouzada de um Christão, leixados os habitos leigos, por oito dias estiveram escondidos, e acertou-se que em um dia fervendo seu espirito para Martyrio, elles sem guia, nem conselho doutros se foram á principal Mesquita dos Mouros, e como em ella

quizessem entrar os infieis, que os viram, e conheceram, endinados contra elles com empuxões, brados, e açoutes, que lhe deram, e por instituto, e costume os não consentiram entrar, e dahi indo-se ás portas del Rei, e sendo ante as ditas portas dos Paços foram levados ante El Rei, e perguntados quem eram? Responderam: que vinham a elle Rei por Embaixadores, e enviados do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores, que era Jesu Christo, e como ante El-Rei muitas, e mui dinas cousas da Fé Catholica propoessesem aconselhando-o para sua conversão, e para receber agoa do santo Bautismo, e com isso muitas couzas feas, e torpes de Mafamede, e de sua seita descobrissem, El-Rei endinado de grande ira contra elles lhes mandava cortar as cabeças, mas amañado por palavras de um seu filho, que era presente, os mandou meter em uma Torre mui alta junto dos Paços, de cuja altura aos que entravam, e saham da caza del-Rei, elles não leixavam de prégar em altas vozes a Fé de Christo, e brasfemar, e mal dizer da Seita de Mafamede, cujos seguidores, e favorecidos diziam que no inferno seriam com tormentos para sempre danados, e anojado El-Rei de suas palavras, e para lhe arredar o azo de as não poderem dizer, os mandou meter no mais profundo da Torre, donde por concelho dos seus vassallos os mandou tirar, e levar a Marrocos em companhia de Dom Pedro Fernandes de Castro o Castellão, de que atraz disse, e ao diante direi, que por odios, e perseguições dos Condes de Lara, não se pode soster em Castella, e duas vezes se passou aos Mouros, e desta derradeira para Mirabolim de Marrocos.

CAPITULO X

Como os Frades chegaram a casa do Ifante Dom Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados a Ceyta para virem a terra dos Christãos, e dahi se volveram outra vez a Marrocos

NESTE tempo estava em Marrocos o Ifante Dom Pedro, filho del-Rei Dom Sancho, e irmão deste Rei Dom Affonso, a cuja caza os ditos Frades, e o dito Dom Pedro Fernandes logo chegaram, e o Ifante os recebeo com humanidade, devação, e bom trato, e os proveo de todo o que haviam mister, porque era Principe em virtudes mui acabado, e os Frades como dahi em diante viam quasquer Mouros logo com muito fervor lhes prégravam, especialmente um dia Frei Berardo, que delles era o mais principal, e melhor sabia Arabia, sobindo em um carro, ou lugar alto como pulpito, e prégando a Fé de Christo a muitos Mouros que o ouviam acertou-se que o Mirabolim ia visitar, como tinha de costume, a sepultura dos Mouros Reis, que eram fóra da Cidade, e vendo o Frade prégar, e por elle ser presente não querer desistir da prégação á sua seita contraria, estimando o por homem sandeo, e por tirar escandalos mandou, que elle com todos os Frades fossem logo lançados fora da Cidade, e sem tardança levados a terras dos Christãos, pelo qual o Ifante Dom Pedro havendo-o assi por bem lhes deu alguns seus servidores, que seguramente os levassem, como levaram até a Cidade de Ceyta, para dahi logo passarem a terra dos fieis.

Mas os Santos Padres não contentes da viagem leixáram as guias, que os levavam, e tornaram-se outra vez a Marrocos, e como chegasseem á praça da Cidade logo aos muitos Mouros, que nella acharam começaram de prégar, louvando os merecimentos da Fé de Christo, e brasfemando dos vicios, e erros de Mafamede, e sua seita, da qual cousa como El-Rei fosse certificado os mandou logo meter em um estreito carcere, onde sem alguma ordenada provizão, nem mantimento dos homens, que houvessem, mas com a só refeição de Deos, que houveram. Vinte dias foram encarcerados asperamente, e neste tempo, porque em toda aquella terra sobrevieram mui grandes, e desordenadas quenturas do Sol, e

grandes destemperamentos do Ar, alguns creram que estes males poderiam vir pela injusta prizaõ dos Frades, pelo qual por concelho de um Mouro chamado Abotorim, que aos Christãos tinha amor, e queria bem, El-Rei consentio que fossem livres do carcere, e trazidos ante elle, mandou aos Christãos que logo sem mais detença os mandassem a sua terra.

E porém El-Rei com os outros Mouros não ficaram sem grande espanto, quando viram os Frades tão esforçados dos corpos, e tão constantes das vontades, havendo vinte dias continos, que sem algum mantimento ordenado jouveram no carcere, e perguntados por El Rei: quem os mantivera tanto tempo? Lhe disse Frei Berardo, que como El-Rei bem crece na Fé de Jesu Christo logo saberia como elles sem beber, e sem comer foram no carcere manteudos. E com tudo elles como se viram soltos, logo sem algum medo outra vez quizeram tornar a pregar aos Mouros, mas os outros Christãos, que com elles estavam, receosos da ira del-Rei que com mortes, e cruezas, se estenderia nas vidas de todos, como mostrava, lho não consentiram.

Então lhe ordenaram logo outros homens fieis que os acompanhassem, e levassem outra vez a Ceyta, para dahi passarem a terra dos Christãos, mas os ditos Frades sospirando por seu Martyrio, despedindo-se daquelles que os levavam se tornaram outra vez a Marrocos, onde o Ifante os mandou logo recolher, e encerrar em sua caza com guardas, e defeza estreita, que os não leixassem sahir, porque receava segundo El-Rei de suas pregações se scandalizava, que não sómente mandaria matar os Frades, mas a elle, e a todos os christãos que houvesse na Cidade.

CAPITULO XI

De um milagre que se fez por causa de Frei Berardo, e como foram presos e atormentados os outros Frades

E acertou-se que o Mirabolim a este tempo mandou o Ifante Dom Pedro com outros muitos nobres homens de Christãos, e Mouros, que delle tinham

soldo fazendo guerra, e sogigar a uns senhores Mouros seus vassallos, que se lhes rebelaram, apoz os quaes Frei Berardo, e os outros Frades, que tiveram maneira de se soltar, logo seguiram, e foram devolta onde se diz, que disputando Frei Berardo com um Mouro ante elles o mais letrado, e venceo, e confundio, e que este Mouro, com vergonha nunca mais tornou a Marrocos, nem depois não pareceo, e tornando o Ifante com os outros Mouros da conquista, que lhes fora encomendada, vieram por uma terra tão seca que por tres dias para si, nem pera seus cavallos não poderam achar em nenhuma parte agoa para beber, e como a estreiteza da sede desesperasse todos das vidas, Frei Berardo era na companhia, feita primeiro sua dovota oração, tomou na mão um piqueno pao com que cavou um pouco na terra mui seca donde milagrosamente logo arrebetou, e sahio uma grande fonte de agoa doce, e mui singular de que não sómente os homens, e alimarias bebiam, e se abastaram, mas ainda encheram muitos odres, que levaram para o caminho.

E como esta necessidade dagoa foi satisfeita, logo a fonte se sarrou, e secou, e por tão grande, e tão manifesto milagre, que de todos foi visto, e Deos por Frei Berardo fizera, todos os do exercito dahi em diante o tiveram em grande devação, e reverencia, e muitos por Santo lhe beijaram os pés, e as vestiduras, e como estes Santos Frades tornassem a Marrocos, e em caza do Ifante fosse por elles posta grande guarda, para não sahirem, e elles toda via saíram, e em uma Sexta feira, que o Mirabolim ia visitar os sepulchros dos Reis Mouros, os Frades sem algum temor, e com grande ousadia se apresentaram ante elle, e sobindo Frei Berardo em um tezo começou de lhe prégar mui sem receio, e como El-Rei os visse, cheo de ira contra elles, mandou a um seu Capitão Mouro que vira o

milagre dagoa, que logo lhes cortasse as cabeças, pelo qual os Christãos, que eram presentes, com temor de suas próprias mortes, logo fugiram dahi, e fechadas, e trancadas bem as portas de suas pouzadas, nellas sem sair jaziam escondidos, mas o Principe Mouro mandou aos homens da justiça que trouxessem os Frades ante elle, e como por duas vezes o não achassem os tornaram a levar a mais aspero carcere com golpes, e bofetadas com que os feriam, e com isso os ditos Frades assi aos Christãos, que se lhe offereciam não leixavam de prégar a palavra de Deos.

E sendo outra vez trazidos ante o dito Principe, e com tanta constancia os visse prégar, e confessar a fé Catholica, e reprovar, e reprehender com muita ouzadia as couzas de Mafamede, e sua seita, acezo da ira contra elles os mandou logo atormentar com muitas, e mui desvairadas maneiras de tromentos, e depois apartar uns dos outros, e em desvairadas cazas onde cruamente os mandou açoutar, e aquelles maos, e crueis ministros atados os pés, e as mãos dos Santos, e com cordas asperas lançadas aos colos delles, e arrastando-os de uma parte a outra pela terra, assi continuadamente, e tão sem piedade os açoutavam, que as tripas lhe apareciam, e sobre as chagas recebidas por acrescentarem mais dor lhe lançavam vinagre, e azeite fervendo, e assi foram por toda a noite atormentados, e açoutados de trinta Mouros, que nelles se arrevezavam, na qual noite daquelles que os guardavam foi visto, que um grande resplandor decendia dos Ceos, e com uma companhia sem conto os arrebatavam, e levantavam para cima, e maravilhados desso os Mouros, e de todo espantados, chegando ao corcere acharam os Santos Frades devotamente orando.

CAPITULO XII

Como El-Rei de Marrocos fallou com estes Frades, e por os não poder converter a sua seita por si mesmo os matou, e como foram mortos também Pedro Fernandes, e Martim Affonso Telo, sobrinho do Ifante

As quaes couzas ouvindo El-Rei de Marrocos, acezo com maior sanha contra elles, mandou que logo lhe fossem levados com as mãos atadas, e descalços dos pés, e depois dos corpos continuadamente açoutados, e espancados, os quaes como El Rei na Fé de Christo os visse tão firmes, mandou dentro meter comsigo certas mulheres fermozas, e lançados todos fóra disse: «Convertei-vos a nossa fé, e dar-vos-hei estas por vossas mulheres, e com ellas muito dinheiro, e sereis em meu Reino muito honrados.» A que os Frades logo responderam: «Tuas mulheres, e teu dinheiro não queremos; porque tudo esto desprezamos por amor de Christo». É então El-Rei arrebatado de maior ira, e sanha, apartados os Santos um do outro, por suas proprias e mui cruas mãos a cada um per si talhou as cabeças por meio das fontes, e apertando na mão tres cutellos, juntamente com uma crueza de besta féra os degolou, os quaes compriram este seu Martyrio a dezaseis dias de Janeiro do anno de Christo de mil duzentos e vinte, (1220) em tempo do Papa Honorio III, em o quarto anno de seu Pontificado, e quasi sete annos antes da morte de S. Francisco.

E depois disto lançados fóra os corpos dos Martyres por as mulheres, que comsigo tinham: estes perros barbaros e maos, atando cordas a seus pés, e mãos, os arrastaram para fóra da Cidade, em torno da qual com grandes brados, e pregões os trouxeram, e espedaçados de todos os membros, os leixaram no campo, pelo qual os Christãos, que os assi viram, alevantadas as mãos aos Ceos, louvando a Deos por seu tão glorioso Martyrio, comessaram de apanhar, e recolher as Riliquias dos ditos Santos escondidamente, a qual couza como os Mouros vissem, todos como cães raivosos, tanta multidão de pedras lançaram nos Christãos, que parecia tempestade de sua raiva, mas os Christãos defezos já pelos merecimentos dos Santos, fugindo da ira dos Mouros a suas

cazas se recolheram, donde com temor da morte, que antre si traziam, escondidos por tres dias não pareciam, principalmente, porque neste tempo o Ifante mandou a Dom Pedro Fernandes de Castro, o Castellão, que lá era lançado, e a Martim Affonso Tello, seu sobrinho, nobres homens, que com outros muitos andavam em sua companhia, que de noite secretamente fossem ver onde jaziam os corpos dos Martyres para se recolherem, porque foram vistos, e achados dos Mouros, logo os mataram.

CAPITULO XIII

Como os corpos dos Martyres foram queimados, e despedaçados, e emfim recolhidos por devação, e industria do Ifante Dom Pedro

DEPOIS desto em um grande fogo, que foi feito no campo, os corpos dos Santos se lançaram por tal, que de todo fossem queimados, mas o fogo por virtude Divina das santas Reliquias assim se apartava, e apagava, como que a materia muito lhe fosse contraira com junto, antes a cabeça de um dos Martyres lançada muitas vezes no fogo, nem nos seus cabelos não pareceo algum sinal de queimadura, a qual assi com a pelle, e cabellos foi mostrada sem alguma corrupção no Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, mas dos Mouros alguns por amizade, e outros por dinheiro, e proveito, e assi os Christãos, que na Cidade eram cativos, apanhando as Reliquias dos Santos as offereciam ao Ifante, que recebendo-as com grande devação as mandou secretamente cozer, e depois que as carnes se gastaram, e os ossos ficaram limpos, os mandou secar, e

encomendou a guarda principal delles a João Roberto, Conego de Santa Cruz, homem em virtudes acabado, e a tres innocentes, moços honestos, seus moços da Camara, dos quaes um foi o Estevão Pires de que atraz disse, que deu este estromento, ca não era algum ouzado entrar onde as sagradas Reliquias estavam em guarda, porque a só sua consciencia de qualquer crime occultamente commetido logo o reprimia, e acuzava.

E neste tempo um Cavalleiro chamado Pedro da Roza, tendo uma manceba por nome Maria da Roza, como sobisse a um sobrado onde as Reliquias se guardavam logo elle sem se poder mover, e tolheito, bradou fortemente dizendo: «Acorrei-me, acorrei-me, dai-me confissão. A qual como o Conego lha deu, em que de todo renunciou a manceba, logo foi livre dos membros, e pode decer, mas não pode falar até que o mesmo Conego por mandado do Ifante lhe poz sobre o peito a cabeça de um Martyre, com que de todo recobrou as forças, e fala, assi como dantes as tinha, e dahi em diante, assi o Ifante como todos os seus tiveram as Reliquias em maior honra, e devação, das quaes mandou meter as cabeças em uma arca, e os ossos em outra, e as tinham em grande veneração na sua Capela, e ás santas Almas dos Bemaventurados Martyres, cujas Reliquias tinha continua, e devotamente pedia, que de Deos lhe ganhassem graça para sem perigo de sua pessoa, e dos seus, se poder vir para sua terra de Christãos, porque já havia muitos dias que na dos Mouros contra sua vontade se detinha, e estava forçado.

CAPITULO XIV

Como o Ifante D. Pedro foi tornado a Espanha, e trouxe consigo os ossos, e Reliquias dos Martyres, e as mandou a Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres que houve no caminho

ESTA graça pelas preces dos Martyres, foi da piedade de Deos brevemente empetrada, porque estando o Ifante desta sua liberdade assás desconfiado, o Mirabolim de sua propria vontade, e sem requerimento dalguem o mandou chamar, e alegremente lhe deu licença, que para sua terra se viesse quando quizesse, descobrindo-lhe logo as muitas vezes que para sua morte fora de seus principaes aconselhado, e induzido; mas por seus merecimentos, e bons serviços, que fielmente sempre lhe fizera, merecia outro galardão. E com esta licença lhe deu mais suas cartas de passos, para elle, e os seus seguramente poderem passar, com as quaes partiram de Marrocos, e depois de um dia, e uma noite, vieram no caminho dormir a Azora, que era lugar despovoado onde de ferozes brados dos muitos Liões, que ahi ha foram postos em temor de que logo foram livres, como ante si, e os Liões pozeram com devação, e confiança as santas Reliquias, que por sua santidade fizeram tudo quieto, e ao outro dia chegaram a um Lugar em que se apartavam muitos caminhos, e duvidosos de qual era o melhor que tomariam, e o Ifante sopenço, e confiado na santa guia das Reliquias que acompanhava mandou dar a dianteira a uma Azemala que as levava, e houve por bem que aquelle caminho que ella tomasse, todos por melhor o seguissem esperando que elle seria o melhor, e mais seguro.

O que foi assi feito, e a Azemala se desviou de um caminho para que a gente se mais inclinava, onde o Ifante soube depois em certo que Mouros o esperavam para o matar, e roubar, e da hi em diante em dezertos e montes porque passáram sempre déram a guia ás santas Reliquias, que com a graça de Deos levaram o Ifante, e os seus a salvamento até Ceita, onde embarcando logo em uma nao, que o Divino favor lhe tinha prestes, e aparelhada para terra de Christãos, partiram, e navegaram logo com vento prospero, que em poucas horas, com grande escuridão se mudou o contrairo, e

algumas outras naos que se acertaram em sua conserva, por uma respiração divina faziam daquella do Ifante Capitaina, por quem se regiam, e com a grande sarração que sobreveio temendo de ir á Costa se encomendaram devotamente aos rogos, e merecimentos dos Santos Martyres, cujas sagradas Reliquias levavam, para que em salvamento os guiassem, e logo supitamente derramada a escuridão, em que andavam, veo a grande claridade, e bonança, com que bem viram, e conheceram o caminho de sua perdição, que levavam, e desviados delle aportaram na Aljazira, daquem Despanha, e dahi a Tarifa, e logo a Sevilha, que era de Mouros, onde por os Christãos que ahi eram, o Ifante foi avizado, que logo se partisse, porque El-Rei de Sevilha o mandava prender.

Pelo qual logo ahi embarcaram, e vieram a Astorga, que é em Galiza do Reino de Lião, onde então reinava El-Rei Dom Affonso, primo com irmão do Ifante Dom Pedro, e como foram partidos chegaram a Sevilha mandados de Mirabolim de Marrocos que logo lhe prendessem, e tornassem o Ifante, e cortassem as cabeças a todos os seus, mas deste perigo, e doutros muitos prouve a Deos que o Ifante, e os seus, pelos merecimentos dos Santos Martyres, cujo devoto era, fossem como foram, livres, e seguros, e como chegassem a Astorga um hospede onde foram agazalhados havia trinta annos que assi era doente, e tolheito de parlezia, que do officio da fala, e dos membros era de todo privado, e ouvindo as grandes maravilhas dos Santos Martyres, que os Christãos consigo traziam, lançado em terra ante a Arca em que suas sagradas Reliquias eram guardadas, pedindo-lhe com muitas lagrimas, e grande devação remedio para sua doença, logo ahi á vista de todos recebeo na fala, e em todos os membros perfeita saude, e o Ifante Dom Pedro não veio com as Reliquias dos Martyres a Coimbra; mas de Astorga mandou com ellas Affonso Pires de Arganil, que era Rico homem, e pessoa de grande credito, porque o Ifante Dom Pedro não era bem avindo com El-Rei Dom Affonso de Portugal seu irmão.

CAPITULO XV

Como as Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foi a morte da Rainha Dona Orraca, mulher del-Rei Dom Affonso, e das cousas que foram vistas

Como Affonso Pires chegasse a Coimbra onde a fama dos Santos Martyres já era, a sobredita Rainha Dona Orraca mulher deste Rei Dom Affonso de Portugal, que ahi estava com o povo junto, que com toda a Cleresia, e mui devota, e solenne Procissão, saio a receber as sagradas Reliquias, e com muita devação, e grande solennidade as levaram ao Moesteiro de Santa Cruz, onde mui honradamente as leixaram, e como a nova do glorioso Martyrio destes Santos Frades chegasse a S. Francisco, alegrando-se em seu espirito, disse: «Agora verdadeiramente posso dizer que tenho cinco irmãos». E no mesmo anno em que estes Martyres foram mortos segundo testemunho das santas Lições, que delles se dizem, por sua vingança a ira, e indinação de Deos, veio contra El-Rei de Marrocos, e seu Reino, porque a propria mão direita, e braço com que o dito Rei Mouro matou os Santos Frades, todos seus membros daquela parte até o destro pé, foram todos secos, e por maldição da sua terra, nos tres annos seguintes apoz este Martyrio, não choveo nella couza alguma, de que se seguio mais, que por cinco annos continos houve tanta fome, e tão cruas pestilencias nos homens, que a mór parte da gente por tamanha mortindade foi destruida por tal, que os annos da vingança fossem iguaes ao numero dos Santos Frades.

E porque a Profecia dos Santos Frades em todo se comprisse a sobredita Rainha Dona Orraca passadas mui poucas horas, depois que ás Santas Reliquias foi dada divina sepultura, ella Rainha chea de virtudes acabou sua vida, e dahi foi levada a Alcobaça onde jaz, e á mesma hora que ella faleceo, sendo a noite profunda, Dom Pedro Nunes Conego, e Sacristão do Moesteiro de Santa Cruz,

Varão por Santidade mui esclarecido, e Confessor da mesma Rainha, vio innumeraveis Frades Menores entrar no Choro antre os quaes era um, que aos outros com grande solennidade precedia, e apoz elle cinco antre todos os outros com honra singular mais excellentes, e como no Choro com procissão assi entraram logo com doce melodia que se não póde dizer, cantaram as Matinas, e o dito Pedro Nunes Sacristão, sendo pelo que vio todo atonito, perguntou a um delles, a que vieram, e porque lugar tantos Frades em tal hora entrassem, sendo serradas todas as portas do Moesteiro, o qual lhe respondeu: «Nós todos que aqui vez somos Frades Menores, e agora reinamos com Christo, e aquelle que vez, que com tanta gloria precede aos outros, é S. Francisco que tanto dezejastes ver nesta vida, e aquelles cinco, que antre os outros tem mais excellencia são os Frades, que em Marrocos por Christo receberam Martyrio, e neste Moesteiro são sepultados, e sabe que a Rainha Dona Orraca nesta ora passou desta vida, e porque ella de todo coração amou nossa Ordem, Nosso Senhor Jesu Christo nos enviou cá todos, porque por sua honra dissessemos aqui Matinas, e porque tu eras seu confessor, quiz Deos que tu visses estas couzas, e da morte da Rainha não duvides; porque na hora que daqui partirmos ouvirás logo certa nova». E aquella Procissão sendo todas as portas do Moesteiro serradas logo saíram, e nesta hora aquelles que eram da familia da dita Rainha bateram ás portas, e denunciaram que ella tinha já paga sua necessaria divida á carne, e falecera.

CAPITULO XVI

Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou o habito S. Francisco, e do que seguiu em Marrocos por milagre, e

da morte del-Rei Dom Affonso

DESPOIS que estes Santos Martyres começaram de resplandecer com mui claros milagres que muitos em sua mais profuza lenda se contem, e por exemplo delles o Bemaventurado Antonio que a este tempo era Conego no Moesteiro de Santa Cruz mesmo, e se chamava Fernando Martins, ardendo com dezejo de semelhante Martyrio, entrou na mesma Ordem dos Menores, em idade de vinte e cinco annos, e nella acabou dez annos, exclarecido em Santidade, e com milagres. E por esta ida destes Frades, o mesmo S. Francisco, porque seu exemplo ardia em gram fervor, e dezejo de Martyrio, passou com sete Frades a terra de Suria, e foi ao Gram Soldam, e como quer que com grande constancia, e mui sem medo lhe pré-gasse a Fé de Christo, o Gram Soldam o tornou a enviar livremente, e são a sua propria terra.

E acha-se por lembranças antigas, que por este Martyrio destes Santos Frades ser tão cruamente feita em Marrocos, e com tanto desprezo de Deos, e de sua palavra, houve em todo aquelle Reino tantas esterilidades, e securas, e por tantos annos, que esteve para de todo se despovoar, e porque geralmente antre elles, e pelo povo se dizia que tamanha maldição não viera á terra salvo pela inocente morte dos Religiosos, El-Rei a cujas orelhas este rumor, e clamor chegara, tendo sobre esso concelho com os Mouros, e tambem com os Christãos, que estavam ahi, acordaram que onde padeceram, que ali com grande arrependimento, e gemidos, e muitas lagrimas viessem, como vieram pedir a Deos que havendo por isso com elles piedade, se diz que logo choveo, e veio á terra acostumada avondança em totalas cousas, por cujo beneficio se affirma que El-Rei de Marrocos com todo seu povo prometeram, e ordenaram que da mesma Ordem dos Frades Menores fosse dado Sacerdote, ou Bispo a todos os Christãos, que em Marrocos, e em sua terra vivessem, e que os Frades fizessem ahi Moesteiro da Ordem de S. Francisco, em que livremente sempre estivessem, e dessem os Sacramentos aos Christãos sem algum receio, o que por muitos annos assi comprio.

E deste anno de Christo de mil e duzentos e vinte, em que esto succedeo, até o anno de mil duzentos e vinte e quatro em que este Rei Dom Affonso faleceo, não achei que elle fizesse, nem em seu Reino succedesse outras cousas notaveis, pelo qual tendo elle trinta e sete annos de sua idade, e havendo doze annos que Reinava, faleceo na era de nosso Senhor de mil e duzentos e vinte e quatro, (1224) e jaz em Alcobaça, com a Rainha Dona Orraca sua molher, na Capella grande, que elle em sua vida mandou fazer diante a porta do Moesteiro, e neste anno se diz que foi mudado o Convento de Santa Maria, a antiga á nova Egreja, e Moesteiro de Alcobaça, que El-Rei D. Affonso Anriques, seu avô de fundamento mandou fazer.

DEO GRATIAS

INDEX DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Affonso II (D.) de Portugal, que idade tinha, e em que anno foi levantado Rei, [pag. 17](#). Foi cazado com Dona Orraca filha del-Rei D. Affonso IX de Castella. [ibi](#). Não quer conceder á Rainha Dona Tareja, e á Infanta Dona Sancha suas irmãs as terras que lhes deixara seu pai D. Sancho I, [pag. 22](#). É excommungado pelo Papa Innocencio III para que largue os Castellos de Monte Mór, e Alanquer a suas irmãs, [pag. 24](#). É absolvido da Excommunhão, e com que circumstancias se ajustou a tregoa entre estes Principes, [pag. 25](#) e [26](#). Contende judicialmente sobre a mesma materia com suas irmãs, e é condemnado a pagar-lhe uma grande somma de dinheiro, [pag. 27](#). Em que anno, e idade morreo, [pag. 30](#). Onde está sepultado, [ibi](#).

Affonso IX (D.) de Castella sogro del-Rei D. Affonso II de Portugal com quem foi cazado, e que filhos teve, [pag. 18](#). Manda chamar a seu genro D. Affonso II de Portugal ás Cortes que fez em Burgos, e não vai, [pag. 21](#), onde morreo, e está sepultado, [ibi](#).

Affonso Pires de Arganil, entrega por ordem do Infante D. Pedro as Reliquias dos Martyres de Marrocos no Convento de Santa Cruz de Coimbra, [pag. 55](#).

Alcacere é cercado pelos Portuguezes e Estrangeiros, e das pessoas principaes Portuguezas que assistiram neste cerco, [pag. 31](#). No seu campo são mortos pelos Portuguezes trinta mil Mouros, e em que dia e anno se conseguiu esta vitoria, [pag. 38](#). O seu Castello depois de uma larga resistencia é conquistado, [pag. 40](#). Em que dia e anno foi tomado, [pag. 41](#).

Algozo e Freixo são tomados pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II de Portugal, [pag. 24](#).

Antonio (Santo) passa da Religião dos Conegos de Santo Agostinho para a de S. Francisco, [pag. 58](#).

Armada de Alemães, e Framengos, que se compunha de cento e cincoenta naos depois de padecer varias derrotas aportou a Lisboa, [pag. 29](#).

B

Berardo (Fr.) um dos cinco Martyres de Marrocos, abre milagrosamente na terra seca uma fonte de que todos beberam, e se admiraram, [pag. 48](#).

Beringela (Infante Dona) filha del-Rei de Castella Affonso IX cazou com D. Affonso Rei de Lião, e que filhos teve, [pag. 18](#).

Branca (Infante D.) filha de Affonso IX, Rei de Castella, cazou com El-Rei de França, e foi mãe de S. Luis, [pag. 18](#). Era mais velha, que sua irmã Dona Orraca, [pag. 20](#).

C

Constança (Infante Dona), primeira Senhora do Moesteiro das Holgas de Burgos, foi filha del-Rei D. Affonso de Castella, [pag. 18](#).

F

Fernando (Infante D.) chamado de Serpa foi filho de Affonso II de Portugal, e da Rainha Dona Orraca, [pag. 19](#). Com quem cazou, e que filhos teve, [ibi](#).

Fernando (Infante D.) filho de Affonso IX de Castella morreo de idade de dezaseis annos, pag. 8. Foi a Roma buscar a Cruzada que o Papa concedeo a seu pai para a batalha das Navas de Tolosa, [pag. 21](#).

Foral. Em que anno foi dado por El-Rei D. Affonso II á Villa de Alcacere, [pag. 41](#).

Francisco (S.) O que disse quando teve noticia do Martyrio dos seus cinco Religiosos em Marrocos, [pag. 56](#). Passa com sete Frades á Suria a prégar a Fé seguindo o exemplo daquelles cinco Martyres, [pag. 58](#).

G

Gonçalo (D.) Mestre, e Prior do Espital se achou no cerco de Alcacere, [pag. 31](#).

H

Henrique de Neusa (D.) Capitão de uma Armada Estrangeira, que constava de trinta e seis naos, arribáram ao porto de Setuval, e junto com os Portuguezes batalham com os Mouros que estavam senhores de Alcacere, e sahem vitoriosos, [pag. 34](#).

I

Innocencio III manda excommungar pelo Arcebispo de Santiago, e o Bispo de Çamora a Affonso II por negar os Castellos de Monte mór e Alanquer a suas irmãs que seu pai D. Sancho I lhe deixara, [pag. 24.](#)

L

Lianor (Dona) filha del-Rei D. Henrique de Inglaterra, cazou com Affonso IX de Castella, pag. 2. Que filhos teve daquelle Principe, [pag. 18](#).

Lianor (Infante Dona) filha del-Rei D. Affonso IX de Castella cazou com D. James I Rei de Aragão, [pag. 18](#).

Lianor (Infante Dona) Neta de Affonso II de Portugal cazou com El-Rei de Dacia, [pag. 19](#).

Lianor (Infante Dona) filha de Affonso II de Portugal cazou com o filho herdeiro del-Rei de Dinamarca, [pag. 19](#).

M

Martim Affonso Tello sobrinho do Infante D. Pedro é morto em Marrocos, [pag. 51](#).

Martim Barregam Commendador de Palmella se achou no cerco de Alcacere, [pag. 31](#).

Martyres que padeceram em Marrocos como se chamavam, [pag. 42](#). São recebidos em Coimbra pela Rainha Dona Orraca, [pag. 43](#). Foram tratados com grande benevolencia em Alanquer pela Infante Dona Sancha irmã de Affonso II de Portugal, [ibi](#). Pregam animosamente em Sevilha contra a ceita de Mafamede, [pag. 44](#). Crueis Martyrios que padeceram, [pag. 49](#). São degolados por El-Rei de Marrocos, [pag. 50](#). Anno, e dia do seu Martyrio, [ibi](#). São queimados os seus corpos, e maravilhas que então sucederam, [pag. 51](#). Como foram trazidos os seus corpos a Coimbra, [pag. 54](#) e [55](#).

Matheus (D.) Bispo de Lisboa recebe aos Estrangeiros que vinham em uma Armada que aportou áquella Cidade, e os exhorta á conquista de Alcacere, [pag. 29](#). Achou-se no cerco de Alcacere, [pag. 51](#). Faz uma pratica aos soldados Portuguezes e Estrangeiros que estavam no campo de Alcacere para que não levantem o sitio, mas que tomem a Praça. [pag. 36](#).

Melgaço é tomado pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando com alguma gente de Lião em odio de seu irmão D. Affonso II de Portugal, [pag. 24](#).

Mouros. Como se houveram esforçadamente no sitio de Alcacere, [pag. 33](#). Governados pelos Reis de Sevilha, Cordova, Jaen, e Badalhouse vem soccorrer Alcacere, [ibi](#). São derrotados, e mortos trinta mil no campo de Alcacere, [pag. 38](#).

O

Orraca. Princezas varias que tiveram este nome, [pag. 20](#).

Orraca (Dona) filha del-Rei D. Affonso IX de Castella foi cazada com D. Affonso II de Portugal, [pag. 17](#). Era mais moça que Dona Branca, [pag. 20](#). Recebe em Coimbra aos Martyres de Marrocos, que lhe pronosticaram a sua morte, [pag. 40](#). Quando morreo, [pag. 56](#). Onde está sepultada, [pag. 59](#).

P

Pedro (Infante D.) filho de Sancho I de Portugal, veio socorrer a sua irmã Dona Tareja, que estava recolhida no Castello de Monte mór, contra seu irmão D. Affonso II, [pag. 23](#). Estando em Marrocos recebe em sua caza aos Santos cinco Religiosos que alli padeceram martyrio, [pag. 45](#). É livre de gravissimos perigos por intercessão dos mesmos Santos Martyres, [pag. 53](#). Alcança licença del-Rei de Marrocos para trazer as Reliquias dos mesmos Marryres para Portugal, [ibi](#).

Pedro (D.) Mestre da Ordem da Cavallaria do Templo se achou no cerco de Alcacere, [pag. 31](#).

Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão é morto em Marrocos, [pag. 51](#).

Pedro Nunes (D.) Conego e Sacristão do Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, Confessor da Rainha Dona Orraca teve uma admiravel visão dos Santos Martyres de Marrocos, [pag. 56](#).

R

Rei de Marrocos pela sua propria mão degolou os cinco Martyres da Ordem de S. Francisco, [pag. 50](#). Castigo que experimentou por esta impia crueldade, [pag. 56](#). Movido das grandes calamidades que padecia o seu Reino concede liccença que os Frades Menores levantem Convento em Marrocos, [pag. 59](#).

Reliquias Dos Santos Martyres de Marrocos como foram trasidas, e dos milagres que obraram pela jornada, [pag. 53](#). Do modo como foram recebidas em Santa Cruz de Coimbra, [pag. 55](#).

S

Sancha (Infante Dona), irmã del-Rei de Portugal D. Affonso II recebe com grande benevolencia em Alanquer aos Santos Martyres de Marrocos, [pag. 43](#).

Sancho I (D.) de Portugal, onde, e quando morreo, [pag. 17](#).

Sytimos. Lugar distante uma legoa de Alcacere foi a parte onde se alojaram os Reis Mouros que vinham soccorrer o seu Castello, [pag. 33](#).

T

Tareja (Rainha Dona) com sua irmã Dona Sancha se recolhem ao Castello de Monte mór, e se queixam ao Papa Innocencio III da tyrania com que seu irmão D. Affonso II lhe negava as terras que lhes deixara seu pai D. Sancho I, [pag. 23](#). É soccorrida por seus dous irmãos D. Pedro e D. Fernando em Monte mór contra D. Affonso II, [pag. 23](#). Do modo com que se concertou com seu irmão, [pag. 27](#).

Tregoa. Em que anno foi celebrada entre D. Affonso II, e suas irmãs Dona Tareja e Dona Sancha, [pag. 26](#).

V

Valença do Minho é tomada pelos Infantes D. Pedro e D. Fernando em odio de seu irmão D. Affonso II negar as terras a suas irmãs que lhe deixára seu pai D. Sancho I, [pag. 24](#).

Vitoria do Campo de Alcacere em que dia, e anno se alcançou, [pag. 38](#).

FINIS LAUS DEO

INDICE DOS CAPITULOS

[I--Como o Ifante Dom Affonso foi alevantado por Rei, e como foi cazado, e com quem, e que filhos legitimos houve](#)

[II--Das desavenças que houve antre El Rei D. Affonso, e as Ifantes suas irmãs, e da guerra que sobre esso se moveo](#)

III--Como foi pelo Papa procedido contra El-Rei D. Affonso por causa da contenda que havia com suas irmãs, e como finalmente foram concordados

IV--Do fundamento que houve para Alcacere do Sal, que era de Mouros, ser cercado, e tomado dos Christãos, e do Bispo de Lisboa principalmente

V--Como Alcacere foi cercado, e com que numero de gente Portuguezes e tambem Estrangeiros

VI--Dos Reis Mouros que vieram por soccorro da Villa de Alcacere, e da primeira batalha que deram, em que foram vitoriosos

VII---Da segunda batalha que houve sobre Alcacere, e como os Reis Mouros foram vencidos, e feito grande estrago em suas gentes

VIII--Como os Christãos combateram e tomaram o Castello Dalcacere

IX--Como cinco Frades Italianos da Ordem de S. Francisco foram a Marrocos a prégar a Fé de Christo, e primeiramente chegaram a Sevilha, que era de Mouros

X--Como os Frades chegaram a caza do Ifante Dom Pedro, e do que logo fizeram, e como foram tornados a Ceyta para virem a terra dos Christãos, e dahi se volveram outra vez a Marrocos

XI--De um milagre que se fez por causa de Frei Berardo, e como foram prezos e atormentados os outros Frades

XII--Como El-Rei de Marrocos fallou com estes Frades, e por os não poder converter a sua seita por si mesmo os matou, e como foram mortos tambem Pedro Fernandes, e Martim Affonso Telo, sobrinho do Ifante

XIII--Como os corpos dos Martyres foram queimados, e despedaçados, e emfim recolhidos por devação, e industria do Ifante Dom Pedro

XIV--Como o Ifante D. Pedro foi tornado a Espanha, e trouxe consigo os ossos, e Reliquias dos Martyres, e as mandou a Santa Cruz de Coimbra, e dos milagres que houve no caminho

XV--Como as Reliquias dos Martyres foram recebidas, e como foi a morte da Rainha Dona Orraca, mulher del-Rei D. Affonso, e das cousas que foram vistas

XVI--Como Santo Antonio por exemplo destes Martyres tomou o habito de S. Francisco, e do que seguio em Marrocos por milagre, e da morte del-Rei Dom Affonso

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CRONICA DE
EL-REY D. AFFONSO II ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.